

SANDRA DANI

Anotações para um estudo sobre a vontade no processo de criação do ator.

O processo de identificação ator-personagem inicia-se pela aproximação de duas realidades distintas, a da personagem e a do ator. Este processo, conseqüentemente, implica na aproximação de diferentes contextos, dos quais cada uma dessas realidades é o reflexo. Essas personalidades são, individualmente, o resultado de uma maneira particular e única de ver, apreender, compreender, sentir e intuir uma realidade mais ampla e envolvente, o mundo. Desta aproximação resulta, naturalmente, um confronto de personalidades, de realidades, que importarão, não num processo de renúncia, mas num de escolha, um processo seletivo que determinará quais características, quais componentes emocionais e intelectuais deverão ser despertados, avivados na personalidade do ator para que a pessoa da personagem possa nela ser concebida, passando então de idéia a forma, a criação.

Toda criação pressupõe a identificação do criador com a matéria. Essa identificação é fruto de um ato volitivo, ou seja, intencional, consciente, onde não existe a perda da dimensão crítica da personagem pelo ator, mas sim, uma mudança de enfoque, do prisma ótico que orienta a ação. O enfoque crítico será então determinado mais pela estrutura dramática que pelo ator, podendo ser exercido por este como resposta a uma proposta formal de espetáculo.

No confronto, então, das realidades do ator e da personagem, a atitude do criador deverá ser sempre a de escolha, jamais a de renúncia.

A renúncia leva ao abandono. O abandono leva à inação. No relacionamento com a personagem observamos que o ator não renuncia de suas características psicológicas e comportamentais em benefício das da personagem. Este seria, na verdade, o comportamento típico de quem ca-

pitula, e no processo de criação, o criador e somente ele deverá ser o vencedor. A rendição do ator à personagem corresponderia ao abandono de sua vontade e este à negação da ação, ou seja, à negação da essência mesma de sua arte.

A escolha, ao contrário, reafirma o ator como criador e assegura a soberania de sua obra, a personagem. A escolha é um ato volitivo que ativa e agrega as várias funções do ego, dando-lhe autonomia e segurança.

A ação é o resultado do exercício expresso da vontade, que direciona, projeta e expande a criação do ator.

A capitulação do ator, sua rendição diante da personagem, corresponderia a uma perda de autonomia e de controle de seu trabalho. O ator, no caso, passaria de agente a objeto de criação, de criador a criatura. Muito embora este desdobramento de criador em criatura e vice-versa se constitua na dualidade do ator numa dinâmica característica e inerente ao seu trabalho, isto não significa necessariamente uma perda de consciência, um obscurecimento de seus sentidos, um embotamento de sua razão. A presença da consciência representada na escolha do ator qualifica a criação não como um resultado casual de um processo aleatório, mas como um ato volitivo por excelência, revelando nele mais do que a vontade, a intencionalidade da ação. Voltamos aqui, então, ao ponto inicial da ação, a vontade, seja ela expressão de uma necessidade intelectual, física, emocional ou orgânica.

A vontade manifesta-se como uma disposição interior como o desejo primário de agir que antecede a própria ação. Essa vontade vem acompanhada de um elemento propulsor, provocador, que revela no homem a ação e que, por sua vez, configura o ato.

Poderá, entretanto, o homem agir movido apenas pela necessidade de fazê-lo, sem a manifestação expressa da vontade. Esta seria, então, uma ação despida de prazer, porque ausente de vontade.

No teatro mais do que em qualquer outra manifestação, a ação deve ser precedida e acompanhada da vontade, pois ela não só confere sentido à ação, como deflagra e caracteriza o ato.

Podemos dizer que uma vez deflagrada no ator a necessidade da ação para a solução de um problema, esta deverá vir acompanhada da vontade de agir, o que, uma vez aliada às circunstâncias nas quais o ator está inserido, resultará numa ação proposital ou intencional.

A intenção constitui-se na expressão única e individual de uma vontade específica. O caráter proposital da ação dramática não apenas mostra a existência da consciência na ação, como também distingue esta mesma ação dentre outras, revelando a personalidade que a criou.

Concebida desta forma, a vontade não está presente apenas na origem da ação, mas ao longo de seu desenvolvimento e desdobramento em novas ações, isto porque ela não só provoca a ação, mas principalmente porque traz consigo o poder de renová-la.

Podemos dizer que a ação é a manifestação positiva da vontade, uma vez que ela se estrutura sempre de maneira afirmativa através do verbo.

A personagem de dona Margarida, da peça *Apareceu a Margarida*, de Roberto Athayde, nos revela de maneira simples e definitiva que “tudo que se faz é verbo”.

No mundo animado, o homem, seus pensamentos, suas idéias, suas emoções, só se dão a conhecer ao próprio homem pelo verbo, ou melhor, pela ação, seja qual for o verbo este terá como condição primeira a de ser formulado de maneira afirmativa. Assim, nós teremos alguém querendo (vontade) alguma coisa específica (verbo) de maneira intencional (ação qualificada).

Esta intenção específica única e particular direciona e orienta a ação e se faz acompanhar no ator de um tonus físico e psicológico próprio do momento circunstancial no qual o ator enquanto personagem está inserido.

Este tonus nada mais é que a quantidade de tensão, de energia física e psicológica característica da ação sendo executada. Este tonus nos revela o grau de engajamento, de envolvimento do ator com a ação e o interesse que essa ação desperta nele.

Falávamos anteriormente na dualidade do ator, no seu desdobramento em diferentes papéis durante o processo de criação, quais sejam, os de criador e criatura. Esta característica, além de tornar esta arte singular entre outras, complexifica o processo de criação exigindo do ator um apurado domínio de si mesmo, tanto mais se considerarmos que este processo não se conclui nunca, ao contrário, permanece em constante exercício.

Tomemos como exemplo o aspecto da vontade, objeto de reflexão nossa. Uma é a vontade do ator, outra a da personagem. Cada uma delas traz consigo níveis diferentes de energia embora ambas caminhem na mesma direção, persigam o mesmo objetivo, a performance, a finalização da obra, e mais do que a finalização, sua repetição constantemente renovada.

Podemos dizer que a arte do ator é a arte da repetição. Através deste mecanismo é que esta arte se depura, se desenvolve, se aprofunda e se dimensiona. Pela repetição inicia-se a execução formal da obra. O momento que antecede a repetição é apenas um exercício dramático, uma ex-

perimentação, uma investigação de possibilidades expressivas, claro que, de fundamental importância para a obra que se pretende realizar. O teatro enquanto performance, espetáculo, somente existe como possibilidade formal concreta pela repetição exaustiva e pela conseqüente fixação e depuração de algumas formas selecionadas. A ação de representar, portanto, no mínimo exige do ator a capacidade de repetir sensivelmente a sua obra guardando seu frescor original. Em outras palavras, a capacidade de recriar em si mesmo as condições propícias ao florescimento de seu trabalho e à recriação de sua motivação original e à reprodução de uma energia particular e específica. Para termos uma idéia pelo menos aproximada do que isto significa, pensemos num pintor que pintasse e concluísse todos os dias o mesmo quadro, que ritualisticamente repetisse as mesmas ações de limpar os pincéis, preparar as tintas e a tela, buscando através da ação física reencontrar sua vontade original, sua motivação inicial de pintar. Sem essa motivação inicial nenhuma criação torna-se possível, muito menos uma que deve necessariamente guardar semelhança com a anterior. A repetição, portanto, no trabalho do ator nunca deverá ser uma repetição superficial, periférica, aparente, uma simples execução mecânica da ação. Em outras palavras, o que deverá ser buscado e reproduzido é a motivação que antecedeu a ação, a vontade que lhe deu forma e conferiu sentido, sem, contudo, ser esquecido o aspecto da dualidade, ou seja, do processo acontecendo em dois níveis distintos e simultâneos, que são o do ator e o da personagem.

BIBLIOGRAFIA

- ATHAYDE, Roberto. *Apareceu a Margarida*. s.n.t.
- FERGUSSON, Francis. The Poetics and the modern theatre. In:—. *Aristotles Poetics*. New York: Hill and Wang, 1961.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação* Petrópolis: Vozes, 1968.
- STANISLAVSKI, Constantin. *An Actor's handbook*. New York: Theatre Arts Books/Methuen, 12ª impressão, 1987.
- . *Stanislavski's Legacy*. Organized and translated by Elizabeth Reynolds Hapgood. New York: Theatre Arts Books, 1968.

SANDRA DANI. Atriz. Mestre em Teatro pela State University of New York, USA; Professor Adjunto de Interpretação e Análise do Processo Criativo do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS.